

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: UMA ANÁLISE DOS SEUS EFEITOS
PSICOLÓGICOS.**

**EVALUATION OF LEARNING: AN ANALYSIS OF ITS PSYCHOLOGICAL
EFFECTS.**

ARILTON GALVÃO PIMENTEL¹

RESUMO: A investigação aqui exposta analisou o efeito psicológico da ansiedade causada pela avaliação da aprendizagem em alunos das turmas do 9º ano do Ensino Fundamental, no Distrito de Caldas do Jorro, no Município de Tucano, no Estado da Bahia, Brasil. Tal pesquisa fora realizada no primeiro semestre de 2016. Por meio de questionário foi possível o levantamento de dados referente à avaliação da aprendizagem e seu efeito psicológico, a saber, a ansiedade. De maneira que a pesquisa analisou o interesse dos alunos pelas avaliações (provas, testes, seminário, mesas redondas), analisou a relação da realização de avaliações e a ansiedade, investigou se a ansiedade provoca o esquecimento, demonstrou os meios pelos quais a ansiedade é reduzida. Ao refletir sobre os impactos da ansiedade sobre o desempenho na aprendizagem dos alunos, foi possível detectar meios que possivelmente melhorarão o desempenho dos alunos nas avaliações e conseqüentemente na aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação da aprendizagem; Ansiedade; Aluno

ABSTRACT: The research exposed here analyzed the psychological effect of anxiety in students of the 9th grade classes in the District of Caldas do Jorro, in the Municipality of Tucano, in the State of Bahia, Brazil. This research was conducted in the first semester of 2016. A questionnaire was used to collect data on the evaluation of learning and its psychological effect, namely anxiety. Thus, the research analyzed the interest of students in evaluations (tests, seminar, round tables), analyzed the relationship between conducting evaluations.

KEY-WORDS: Evaluation of learning; Anxiety; Student.

¹ Doutorando em Ciências da Educação pela Universidade Autônoma de Assunção (UAA). Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Autônoma de Assunção (UAA). Licenciado em História pela Faculdade de Tecnologia e Ciência (FTC). Bacharelado em Direito pela Faculdade Ages. Professor da rede pública Municipal de Tucano-BA. Rua São Félix, 184, Tucano - BA, 48790-000. E-mail: Arilton52@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A avaliação da aprendizagem é um instrumento comum nos meios de ensino formal, seja uma escola ou outra instituição. Assim sendo, a sua utilização é predominantemente associada ao ato de aferir o nível de absorção dos conteúdos aprendidos pelos alunos. Em meio ao seu largo uso, a avaliação é um instrumento que divide opiniões quanto a sua função e relevância para o processo de ensino-aprendizagem.

O uso da avaliação da aprendizagem remonta ao século XVI, quando começou a ser sistematizada, tendo como seu marco a publicação do *Ratio Studiorum*, documento de origem jesuítica que orientava como os alunos deveriam ser avaliados após o término de um ano letivo. Essa prática mantém-se em pleno vigor nos dias hodiernos nos meios educacionais, e tal temática encontra-se no “campo conflituoso, de tensões e tendências” (ALAVARSE, 2009; ARCAS, 2010; FREITAS, 2003 apud BOURO; TORTELLA, 2015, p. 508).

Na atualidade percebe-se a ambiguidade com a qual o termo avaliação é trabalhado e assumido no ambiente escolar. Em alguns momentos, a avaliação tem como referência o domínio de conteúdos, em outros, se torna um instrumento de medida e se apresenta como uma forma de punição, etc. De sorte que as múltiplas e diferenciadas percepções sobre a avaliação, segundo Fagundes (2015), se faz um problema constante no meio escolar. Além disso, a avaliação é tema de muitas controvérsias, de maneira que muitos questionam sobre o seu papel na educação causando assim várias dúvidas e reflexões sobre seu legado na vida dos alunos.

Inicialmente devemos entender as duas principais classificações dadas à avaliação da aprendizagem. De acordo com o papel que a avaliação exerça no meio educacional, podemos ter de um lado a avaliação formativa, e de outro, a avaliação classificatória, sendo que essas vertentes demonstram-se antagônicas em suas finalidades.

A avaliação formativa, de acordo com autores como Luckesi (2011), Dias Sobrinho (2010) e Souza e Boruchovitch (2010), se caracteriza por ser um instrumento que contribui para a formação do indivíduo. Além disso, esse tipo de avaliação serve como meio para detectar as limitações e distorções do processo de ensino-aprendizagem permitindo as correções necessárias para que sejam galgados os avanços dos alunos em seus estudos. Entretanto, na avaliação classificatória entende-se que sua maior finalidade é classificar o aluno. Segundo Luckesi (2011) tal prática é caracterizada pela mera atribuição de notas, por meio da qual se classifica o aluno como aquele que aprendeu (ao galgar as melhores notas) ou

aquele que não aprendeu (aquele que ficou abaixo da nota mínima). Em tal avaliação, tanto o êxito quanto o fracasso é unicamente reponsabilidade do aluno eximindo de culpa qualquer outro sujeito.

A avaliação classificatória para alguns é extremamente danosa ao educando, e como forma de minorar seus efeitos nocivos, segundo Jürgensen (2015) foram criadas a recuperação escolar e a correção escolar. Todavia, se questiona se esses mecanismos são suficientes para suprir as insuficiências educativas oriundas do sistema educativo, em especial o sistema público. Percebe-se que a avaliação classificatória está intimamente ligada ao insucesso e ao fracasso escolar que culminarão “na reprovação do aluno” (CARVALHO, 1997, p. 11).

O ato avaliativo com ênfase na classificação traz diversos problemas. Para Bzuneck (2010), tal modalidade torna os alunos extremamente competitivos, perdendo o senso de respeito, igualdade e fraternidade, ferindo os princípios que devem nortear os indivíduos. E por vezes, os alunos que alcançam maior nota acabam por humilhar os que não foram bem sucedidos.

Assim sendo, ampliando mais sobre os efeitos da avaliação, Luckesi (2011) afirma que, “[...] quem obtém a classificação mínima esperada é incluído, quem não a obtém é excluído. A seletividade suprime a necessidade e a possibilidade de futuros investimentos nos excluídos” (p. 198-199). Partindo de tal afirmativa do autor supracitado e de acordo a diversos outros autores a avaliação tem servido como um meio de segregação no meio escolar.

Entretanto, percebe-se atualmente que a avaliação vai além do âmbito cognitivo, e estende-se, segundo Kager (2006), aos aspectos afetivos, e assim sendo, podem causar diversos problemas, alguns listados anteriormente no trabalho ora apresentado. Tais problemas podem afetar também outros sujeitos, como: professores, pais, direção escolar, dentre outros atores da comunidade escolar.

Com o intuito de ampliar o entendimento sobre os efeitos psicológicos causados pela avaliação da aprendizagem na vida do aluno realizamos uma pesquisa de campo com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, em um município do sertão baiano, no ano de 2016.

2. DA COLETA DE DADOS

O trabalho apresentado tem como objetivo geral: refletir sobre a aplicação dos diferentes tipos de avaliação da aprendizagem em sala de aula. Os objetivos específicos são:

citar alguns efeitos psicológicos decorrentes da avaliação da aprendizagem; analisar o interesse dos alunos pela avaliação da aprendizagem; conhecer as formas de avaliação que os alunos mais gostam.

A população escolhida é composta de alunos do 9º ano da Escola Municipal Madre Paulina, em Caldas do Jorro – Bahia. A escola atua no Fundamental II (6º ao 9º ano) e Educação de Jovens e Adultos (6º ao 9º ano). A população de alunos da escola possuía 68 indivíduos. A amostra da pesquisa contou com 54 alunos, sendo compostas das turmas A, B e C, as duas primeiras do turno matutino e a última do vespertino.

A faixa etária dos alunos participantes variava entre 13 e 19 anos, possuindo a seguinte distribuição percentual por gênero: 56% dos participantes são do sexo masculino e 44% do sexo feminino.

O instrumento usado foi questionário semiaberto, que se estruturou da seguinte forma: na primeira parte dados pessoais, e na segunda parte questões voltadas à avaliação da aprendizagem. Neste trabalho analisamos as questões relacionadas a alguns efeitos emocionais causados pelos instrumentos avaliativos educacionais, a saber, as avaliações em seus diferentes tipos (prova, teste, seminários, dentre outros), com foco no sintoma de maior incidência, a ansiedade.

O questionário fora aplicado em sala de aula após a permissão inicial da direção escolar e posteriormente dos professores que estavam em exercício na sala, no dia da aplicação do questionário, nos respectivos turnos das turmas.

Tabela 1 - Exemplo de item apresentado no questionário

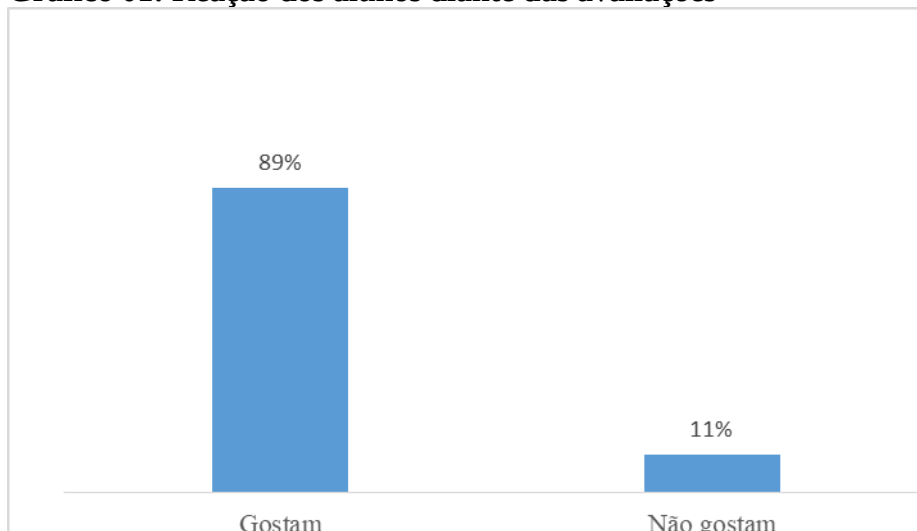
Sobre a avaliação:			
2.2 Você se sente bem quando sabe que está sendo avaliado?			
Às vezes	Nunca	Sempre	Outra resposta (em aberto)

Fonte: autor

3. DOS DADOS COLETADOS

Por meio do questionário, constatamos que 48 alunos afirmaram gostar de realizar avaliações em detrimento de 6 alunos que afirmaram não gostar de realizá-las. Tal prazer pode estar associado à cultura enraizada de se pontuar (aferir valor numérico a conhecimento demonstrado pelo aluno), pois quando os professores de diversos níveis propõem alguma atividade aos alunos é comum escutar: “professor (a) vale ponto”.

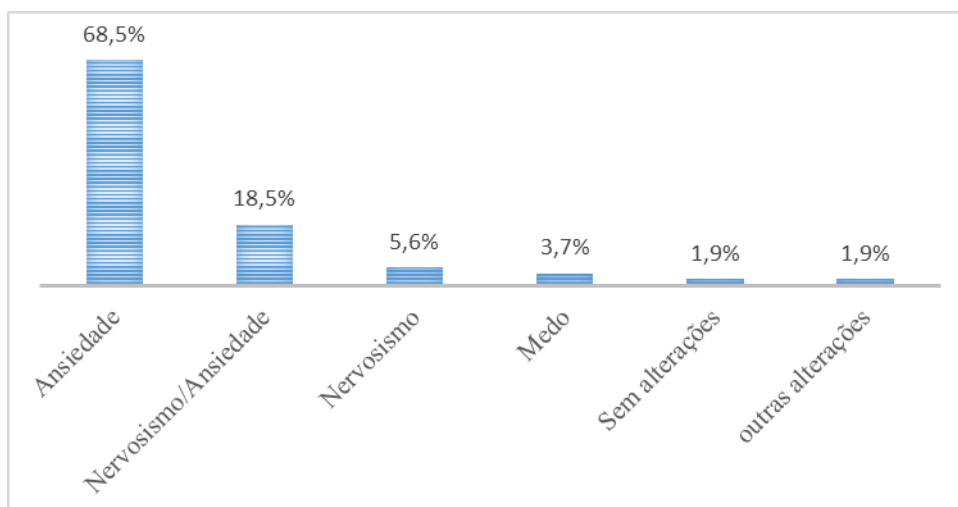
Gráfico 01: Reação dos alunos diante das avaliações



Fonte: autor

Embora os alunos gostem de realizar as avaliações, eles declararam manifestar alguns sintomas psicológicos. Esta pesquisa detectou os seguintes sintomas: ansiedade (37 dos participantes), nervosismo/ansiedade (10 dos participantes), nervosismo (3 dos participantes), medo (2 dos participantes), sem alterações psicológicas (1 dos participantes) e outras alterações (1 dos participantes).

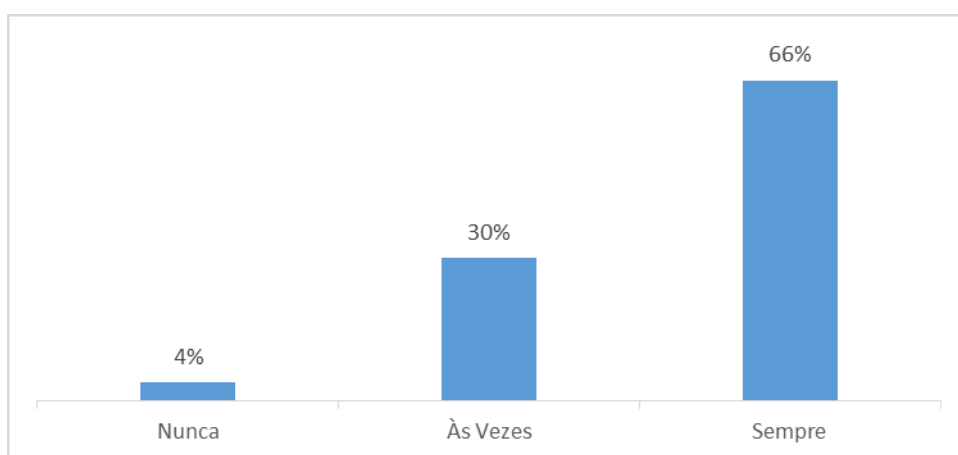
Gráfico 02: Sintomas causados pelas avaliações



Fonte: autor

Quando os alunos foram questionados se os sintomas psicológicos que sentiam na realização das avaliações causavam esquecimento dos conteúdos estudados, obtivemos as seguintes respostas: para 2 alunos não há esquecimentos, para 16 às vezes acontece o esquecimento e para a 36, sempre há o esquecimento de informações que seriam essenciais para a resolução ou apresentação da avaliação.

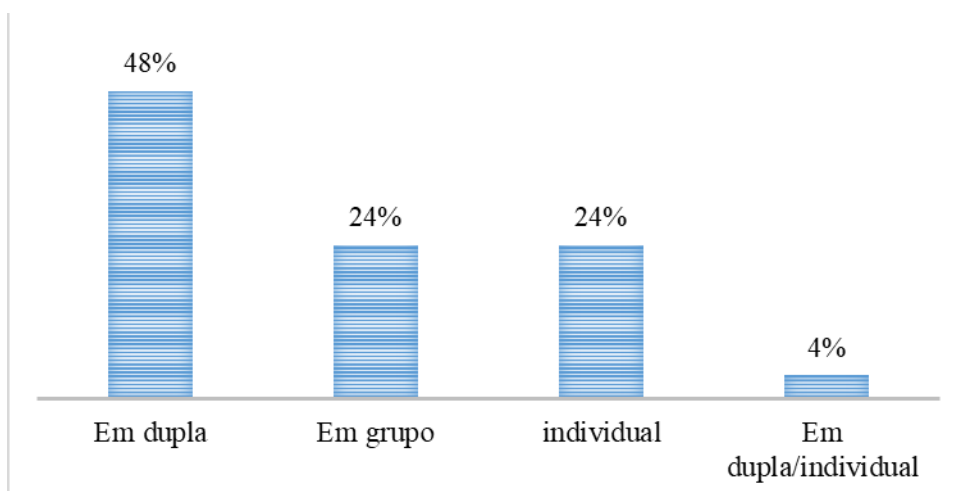
Gráfico 03: Nível de esquecimento causado pela ansiedade



Fonte: autor

Em meio aos dados apresentados até o presente momento é evidente que as avaliações realizadas pela escola causam algum tipo de sintoma psicológico nos alunos. Todavia, quando os alunos foram questionados sobre qual forma de avaliação gostavam de realizar, obtivemos os seguintes dados: 48% preferiram realizar em dupla, 24% preferiram individual, 24% em grupo, 4% optaram em realizar de duas formas, individual e em dupla.

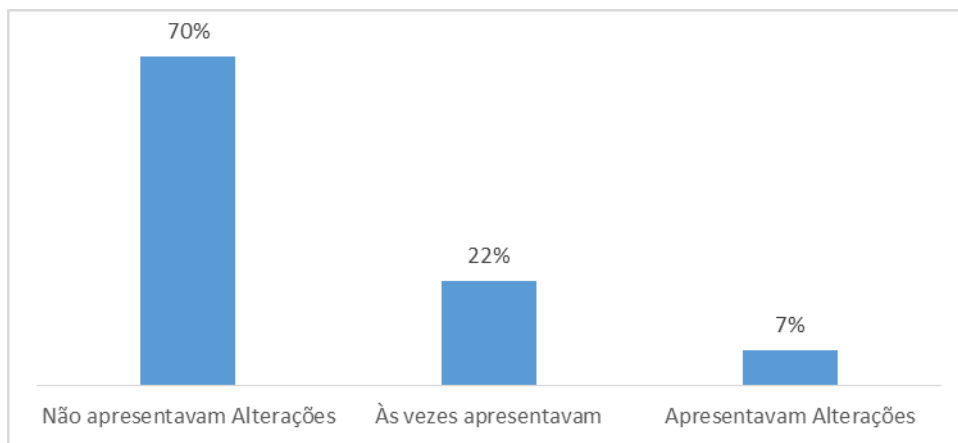
Gráfico 04: Formas como os alunos querem realizar as avaliações



Fonte: autor

Na questão em que os alunos foram indagados se quando realizavam as avaliações na forma que gostavam (em dupla, individual, em grupo, individual /dupla) se sentiam mais seguros, havendo assim a eliminação de sintomas psicológicos citados por eles. Obtivemos os seguintes dados: para 38 alunos havia a eliminação de sintomas, para 12 às vezes os sintomas continuavam e para 4 alunos os sintomas continuavam.

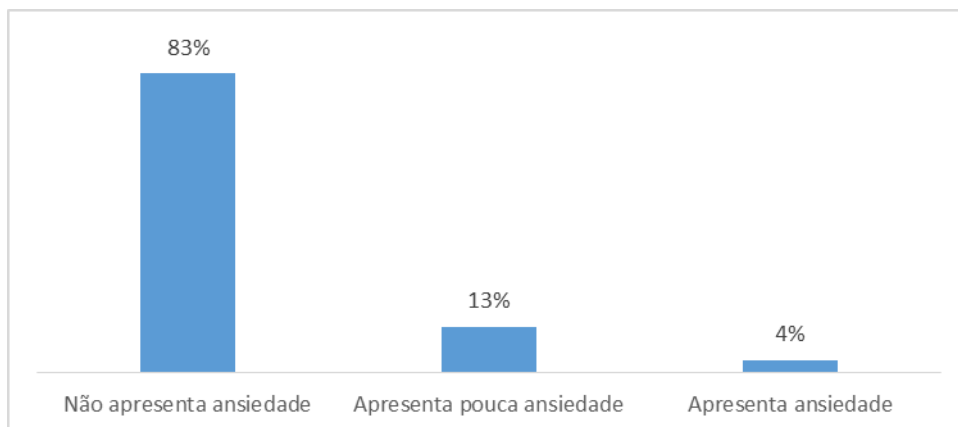
Gráfico 05: Alterações psicológica dos alunos ao realizarem as avaliações que eles gostam



Fonte: autor

O último quesito apresentado nesse artigo inquiriu se os alunos sentiam-se ansiosos quando realizavam algum tipo de avaliação (seja ela qual for), na forma que eles mais gostavam de realizar. Obtivemos os seguintes dados: 45 alunos afirmaram não ter ansiedade, 7 alunos sentem um pouco de ansiedade e 2 afirmaram sentir ansiedade.

Gráfico 6: Nível de ansiedade em relação a atividade avaliativa que eles preferem



Fonte: autor

4. DISCUSSÃO DOS DADOS.

Percebeu-se no estudo apresentado que, embora os alunos gostem de realizar atividades avaliativas tais como: provas, teste, seminário, trabalhos escritos, em grupo, mesas redondas, dentre outros, os participantes manifestaram alteração psicológica.

Dentre os sintomas relatados, a ansiedade é o que se sobressai, tendo em vista que 67% dos participantes apontaram esse sintoma, somando-se outra gama de participantes, precisamente 18% que afirmaram sentir simultaneamente ansiedade e nervosismo. Assim sendo, podemos considerar que 85% dos participantes ficaram e demonstraram tal sintoma antes e durante a execução de algum de tipo de avaliação.

Analisaremos nesse artigo, a partir de trabalhos realizados, os efeitos da ansiedade no desenvolvimento escolar do aluno, e como podem interferir na motivação, na memória e na atenção do aluno.

Para Serpa (2012, p. 28) “a ansiedade pode ser caracterizada como um fenômeno biopsicológico, composto por um conjunto de reações fisiológicas como o aumento da pressão arterial e a sudorese intensa, e de reações psicológicas, como alterações do estado emocional e aumento da preocupação”.

Desta forma, evidenciou-se que a ansiedade traz inúmeras alterações ao indivíduo. Nesse estudo levantamos a hipótese da ansiedade interferir nos resultados das avaliações da aprendizagem, pois as alterações psicológicas comprometem o raciocínio.

Percebe-se que a ansiedade é um sintoma comum aos seres humanos e no que tange a vida escolar acentua-se “[...] principalmente, pela realização, com sucesso, das provas ou testes avaliativos (SERPA, 2012, p. 29 apud ROSÁRIO, SOARES, 2003; ROSÁRIO, SOARES, NÚÑEZ, GONZÁLEZ-PIENDA, SIMÕES, 2004).

A partir dos autores citados, entende-se que a ansiedade em extremo “acaba por prejudicar o desempenho dos alunos em avaliações” (SERPA, 2012, p. 49). Segundo Serpa (2012), a ansiedade é a principal variável de interferência no processo de aprendizagem do aluno. Além disso, quando é detectado que tal efeito emocional está enraizado, e tornando-se crônico é extremamente nocivo para a vida escolar do aluno.

Nesse estudo notou-se que, quando os alunos fazem atividades avaliativas que mais lhes são agradáveis, há uma redução nos efeitos psicológicos e conseqüentemente melhora seu desempenho nas avaliações. Esta afirmativa é bem apresentada por Fernandes (2011), ao expressar que os alunos obtêm melhores resultados quando possuem satisfação escolar, sendo a ausência de sintomas psicológicos, um elemento para o alcance de tal satisfação e seus conseqüentes resultados benéficos para a aprendizagem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos no meio educacional que existe uma vasta variedade de alunos. Há aqueles que têm facilidade em se expressar, os quais manifestam grande interesse em seminários, mesas redondas, ou outras atividades que envolvam expressão oral ou mesmo corporal. Por outro lado, temos os alunos tímidos que optam por não se expressarem em público, para esses aplicam-se melhor as avaliações escritas como prova e testes, dentre outros.

Entendemos que a escola deve criar meios que possibilite ao aluno realizar as avaliações que lhes são mais agradáveis, para que sejam reduzidos os efeitos psicológicos resultantes de práticas que não trouxeram bons resultados. Conseqüentemente será alcançado um melhor desempenho na aprendizagem.

Para isso, faz-se necessário uma reestruturação na práxis educacional de maneira que possam ser realizadas com maior intensificação atividades avaliativas que melhor agradam os alunos. Potencializando o desempenho dos alunos e melhorando os índices de aprendizagem.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BUORO, E; TORTELLA, J. C. B. Avaliação para promoção ou para reprovação? Compreensões de estudantes, professores e gestores de uma rede municipal. **Revista de Educação Pública**. Cuiabá, v. 24, n. 57, p. 507-523, set./dez. 2015.

BZUNECK, J. A; GUIMARÃES, S. E. Aprendizagem escolar em contextos competitivos. In: BORUCHOVITCH, E; BZUNECK, J. A Orgs.). **Aprendizagem: processos psicológicos e o contexto social na escola**. 2ed., Petrópolis: Vozes, 2010. p. 251-272.

CARVALHO, J, S, F. As noções de erro e fracasso escolar: algumas considerações preliminares. IN: AQUINO, G. J (Org.). **Erro e fracasso escolar: alternativas teoria e prática**. São Paulo: Editora Sammus, 1997.

FAGUNDES, C.de O (Org). **Avaliação das Aprendizagens, sua relação com o papel social do aluno**. São Paulo Cortez Editora, 2015.

FERNANDES, H. M, et al. Satisfação escolar e bem-estar psicológico em adolescentes portugueses. **Revista Lusófona de Educação**, 2011, 18: 155-172.

JÜRGENSEN, B. D. **Avaliação e recuperação em Matemática e a trajetória escolar do aluno: um estudo bibliográfico e documental**. Dissertação (Mestrado em Educação). – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2015.

KAGER, S. As dimensões afetivas no processo de avaliação. In: LEITE, S. A. S. (Org). **Afetividade e práticas pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar Estudos e Proposições**. São Paulo: Cortez, 2011.

SOUZA, N. A; BORUCHOVITCH, E. Mapas conceituais e avaliação formativa: tecendo aproximações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.36, n. 3, set./dez. 2010.p. 795-810.